

A ESPANHA EM JULHO DE 2018 [1]

O FIM DA COPA DO MUNDO PARA OS BRASILEIROS E A PRIMEIRA PARTE DA VIAGEM PARA A ESPANHA - GUADALAJARA E LAGUARDIA

Já estava me preparando, psicologicamente, para dividir meu tempo de férias e de participação num congresso na Espanha com os jogos do Brasil na Copa do Mundo, afinal sou brasileira e como pode alguém, neste país ao sul do Equador, ficar indiferente aos apelos desse campeonato mundial.

Quando perdemos de 7 a 1 para a Alemanha, em 2014, estávamos quatro amigos assistindo a esse jogo infame numa pequena cidade na Alsácia, França, quase na fronteira com o país inimigo naquela peleja. Imaginem o mico que passamos!

Estava imaginando, há dois meses atrás, que iria assistir Brasil contra a Espanha, na Plaza Mayor de Salamanca, mas fiquei livre dessa e deixei São Paulo na manhã de 7 de julho de 2018, com todo o país debruçado sobre problemas de grande relevância filosófica e poética: “O Tite deve ou não continuar a dirigir a seleção?” “O Brasil jogou

mal mesmo ou foi falta de sorte nas finalizações?”

Caio Mesquita, que não conheço, mas que escreve no Empíricus, *site* de onde recebo mensagens, intitulou sua matéria de “A humilhação dos analistas” para mostrar como, apesar de

“...dentre todos os esportes populares, o futebol é aquele que apresenta maior proporção de resultados surpreendentes. Estudos indicam que a ‘zebra’ é mais comum no esporte bretão ...” (Caio Mesquita)

inúmeras mesas redondas e opiniões de *experts* no tema, em todas as Copas do Mundo, os erros sobre quem chegará à final são enormes.

Isso dificulta entender porque há tantos programas de TV, tantas matérias na internet e gente que ganha muito para errar nas suas estimativas, mas o tal Caio explica, que “é exatamente na transição temporal” entre o antes (as apostas) e o depois (os resultados), o período em que se propiciam grandes retornos financeiros àqueles que investem milhares de dólares nas bancas de apostas relativas à Copa.

O tema vai ter continuidade por muito tempo, afinal futebol é *business*, mas estou aliviada.

Depois da desclassificação fica parecendo um pouco ridículo ver as pessoas fantasiadas de Brasil, as vitrines preparadas para o hexa, as empresas investindo em publicidade associada à imagem dos técnicos e dos jogadores.

Tanto no dia 6, o dia D (o da derrota, é claro), em Congonhas, como no dia 7, em Guarulhos, era como se as pessoas olhassem umas para as outras ou todas para o ar, tentando se convencer de que agora podiam, enfim, focar suas vidas e, no caso desses espaços, pensar em suas viagens.

Na cidade de São Paulo, houve festa no Vale do Anhangabaú, tal e qual estava programado, pois todo mundo já tinha vindo de vários pontos da metrópole, tomaram todas e mais um pouco, estavam dispensados do trabalho e curtindo: Por que não comemorar, nem que fosse para

afogar as mágoas? E todos afogaram as suas.

No entanto, não nos desvencilhamos de uma identidade tão arraigada assim – Brasil e futebol – facilmente. Bastou encostar o corpo, no balcão do Hotel Ibis em Bilbao, exaustos, depois da viagem internacional e mais um trecho de automóvel, para o simpático recepcionista, ao ver nossos passaportes, passar a comentar nossa derrota e a opinar sobre a pertinência ou não do Fernandinho na escalação. E dá-lhe mais Copa do Mundo...

Acho melhor mudar de assunto: nem entendo e gosto tanto de futebol, nem me sentei diante o computador para falar disso. Passo a contar um pouco da viagem.

Fizemos o trecho internacional pela Air Europa. Achava que ela era uma companhia pertencente à Iberia e, olhando na Wikipédia, verifico que ela é justamente o contrário, ou seja, a grande concorrente daquela que já foi a principal empresa aérea espanhola.

Foi criada em 1984 e seu primeiro voo ocorreu em 1986. Hoje, ela é a maior companhia aérea de capital espanhol e sua sede é nas Ilhas Baleares. Pertence à *Globalia Corporación Empresarias S.A.*, o maior grupo turístico deste país, proprietário da *Viajes e Viajes Ecuador* e da cadeia hoteleira *Be Live*.

O avião em que viajamos era novo e bem equipado, mas o

serviço bem fraco, feito por comissários jovens e mal-humorados, além de ser pago até o fone de ouvido. Por que escolhemos essa empresa? O bilhete aéreo era bem mais barato que o das outras.... Enfim, não há jantar de graça, como diz o ditado, mas deixo o leitor, ao menos avisado, sobre o que vai receber se viajar por essa empresa.

A chegada em Barajas, pelo aeroporto internacional de Madrid, foi ótima, pois aterrissamos uma hora antes do previsto, tempo suficiente para tomar café da manhã, checar as mensagens de WhatsApp e os e-mails, hábito que se tornou corriqueiro em nossos cotidianos, enquanto esperávamos a abertura do guichê da Hertz.

Às 8h30 da manhã, pegávamo a estrada para Bilbao, prevendo já duas paradas e é sobre elas que quero escrever um pouco – *Guadalajara* e *Laguardia*.

A primeira, Guadalajara, fica na região denominada *Castilla e La Mancha*, que como o nome sugere, tem muitos castelos, grande parte deles edificados entre os séculos IX e XII. No entanto, o que nos levou à Guadalajara, cidade com cerca de 70 mil habitantes, foi um edifício construído entre os séculos XIV e XVII pela Dinastia Mendoza.

Sob o capitalismo, é difícil imaginar uma edificação que demorou três séculos e várias gerações para ser concluída, sem suporte que tenha sido um fracasso

ou um erro de cálculo de investimento. Como se trata da passagem do modo feudal de produção para o capitalista, por meio do Mercantilismo, como base da economia, e do Renascimento, como forma de manifestação da ciência e da arte, é possível compreender porque essa edificação pôde demandar três séculos para ser concluída e ser tão bonita.

A manhã deste domingo, dia 8 de julho de 2018, está linda, mas há tantos carros estacionados em frente ao *Palacio de los Duques del Infantado*, que tenho que recorrer ao *Google* para ter algumas fotos melhores do que as que consegui fazer e tais fotos extraída da web são as duas que estão na parte inferior do primeiro quadro.

A fachada do lindo palácio, com seus altos relevos é um exemplo da arquitetura denominada como góttico-mudéjar, tendo o góttico sido importado da França, alguns séculos antes, e o mudéjar testemunho da influência e domínio árabe sobre a Península Ibérica.

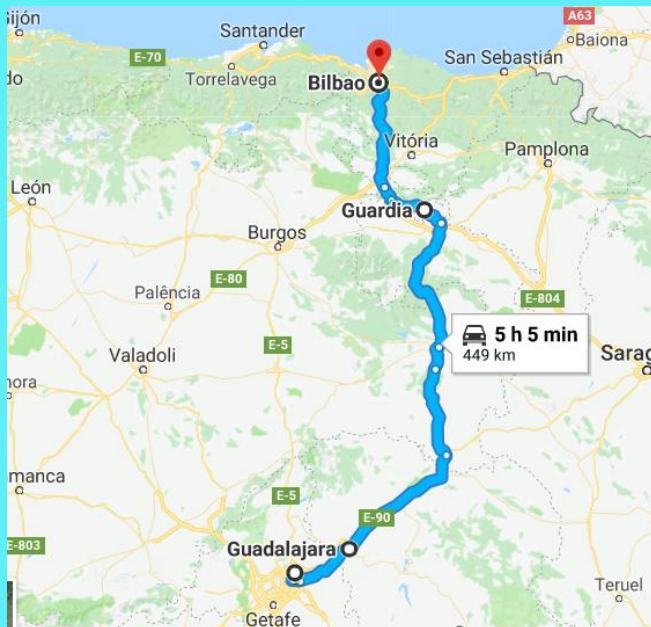
Embora pequena e, por isso, manifestação contraditória de seu nome, a *Plaza Mayor de Guadalajara* é graciosa, com destaque para a edificação onde está o *Ajuntamiento*, o que corresponde à nossa Prefeitura Municipal.

Como ainda não eram dez horas da manhã e o dia era domingo, não havia ninguém pelas ruas e foi difícil achar um café aberto, mas o encontramos,

antes de retomar à estrada na direção de *Laguardia*. Ter escolhido essa cidade, como segunda parada de nosso trajeto entre Madri

e Bilbao foi uma sorte. Havia muitas outras opções indicadas no Guia Visual Folha de São Paulo, no mapa com as

indicações turísticas mais importantes da região de La Rioja, mas, ainda bem, escolhemos Laguardia.



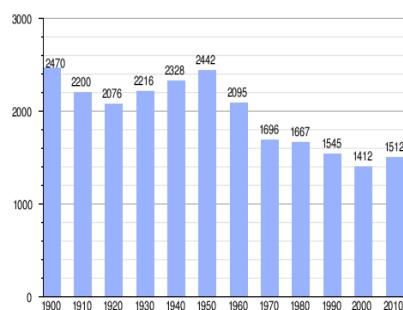
Vimos o nome da cidade escrito de várias outras formas – La Guardia, Ville de la Guardia, Villa La Guardia – mas percebemos que há um esforço para se diferenciar da cidade da Galícia, chamada de Guarda.

O pequeno aglomerado urbano de La Rioja tem apenas 1500 habitantes. A cidade foi fundada em 1164, mas longevidade não quer dizer necessariamente crescimento, porque ela

vem diminuindo de tamanho demográfico, desde 1960, em que pese haver, neste domingo, tanta gente pelas ruas e muitos restaurantes e bodegas abertas

Seu sítio urbano em acrópole, bem no topo de um pequeno monte que domina uma ampla planície, mostra sua origem medieval. A planta urbana extraída do Google Maps ajuda a perceber suas ruas que acompanham o relevo e têm os que os

urbanistas chamam de configuração desordenada.



Parte da bela paisagem é montada pelas videiras, a partir das quais é produzido o vinho de

La Rioja, um dos mais saborosos e importantes comercialmente falando-se de toda a Espanha.

Aliás, um ponto alto do percurso foi admirar os vinhedos antes de chegar ao lugarejo. Foi difícil encontrar uma vaga para estacionar e, após algumas voltas, pudemos parar fora de suas muralhas, para em seguida adentrar neste sítio histórico e percorrer suas ruas estreitas.

Aqui, pudemos, simultaneamente, testemunhar outro tempo

urbano e aspectos denotativos do período atual, por meio das inúmeras opções para se comer algo, oferecidas aos turistas.

Há os restaurantes “de autor” como eles gostam de denominar, na Espanha, aqueles estabelecimentos que têm *chefs de cuisine*.

Há, de outro lado, bares bem simples, que, além do balcão interno, têm uma ou duas mesinhas altas, na parte externa, para se tomar uma *caña (cerveza)* ou

uma *copa de viño*, acompanhando algum petisco.

Muitas bodegas vendendo os vinhos da região estavam abertas oferecendo degustação.

No caso de Laguardia, ao contrário de Guadalajara, o prazer não está em contemplar uma edificação de grande beleza, mas o conjunto da obra, o ambiente, o sol, as pessoas que andam por todo lado.



Adoramos estar nesta cidade e almoçar no restaurante da *Pousada Mayor de La Migueloa*, instalado no Palácio Viana do século XVII, onde apreciei costelas de carneiro com uma taça de vinho *rosé* para arrefecer as temperaturas altas que trazia comigo dos

ambientes externos pelos quais passeamos antes de parar para comer.

Almoçamos exatamente na mesa que está no canto direito da foto acima, com o *abajour* aceso. As quatro primeiras fotos do quadro abaixo foram retiradas do

site: <https://trismo.euskadi.eus/es/top10/localidades/laguardia/aa30-12376/es/>. As seguintes foram feitas por mim e servem para ver um pouco das vielas e pátios que percorremos.

Maravilha total!!!!!!



